

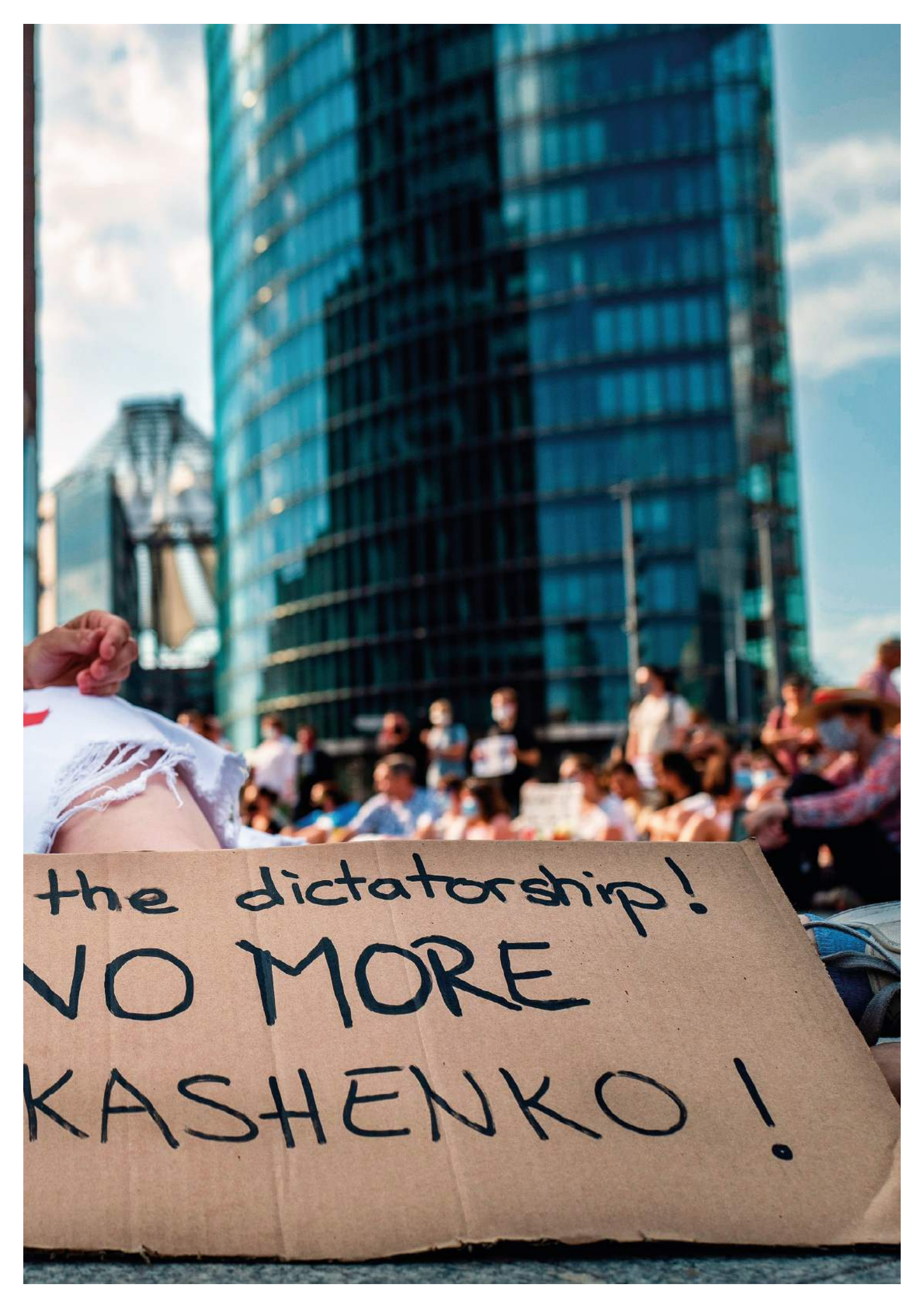
# A REVOLUÇÃO DE SVETLANA E DO PROLETARIADO

Diz que não gosta de política nem de políticos, mas já se assume como a única personalidade capaz de unir e de governar os bielorrussos. Será que Svetlana Tikhanovskaya conseguirá afastar o Presidente Lukashenko do poder e, com a ajuda dos operários e das forças de segurança, fazer vingar o seu movimento pela dignidade?

 FILIPE FIALHO

**Resistência** As praças de Minsk e das principais cidades do país continuam a ser palco de manifestações pacíficas, em que se exige a demissão do Presidente

End  
LUK

A photograph of a protest. In the foreground, a hand holds a piece of torn white fabric. Below it, a cardboard sign is held up with the text "the dictatorship!  
NO MORE  
KASHENKO!". The background shows a large crowd of people and a tall, modern glass skyscraper under a blue sky with light clouds.

the dictatorship!  
NO MORE  
KASHENKO!

**Duelos** Lukashenko exibe-se de uniforme e Kalashnikov, mas a maioria dos bielorrussos perdeu-lhe o medo e já nem leva a sério os noticiários televisivos apresentados por jornalistas russos

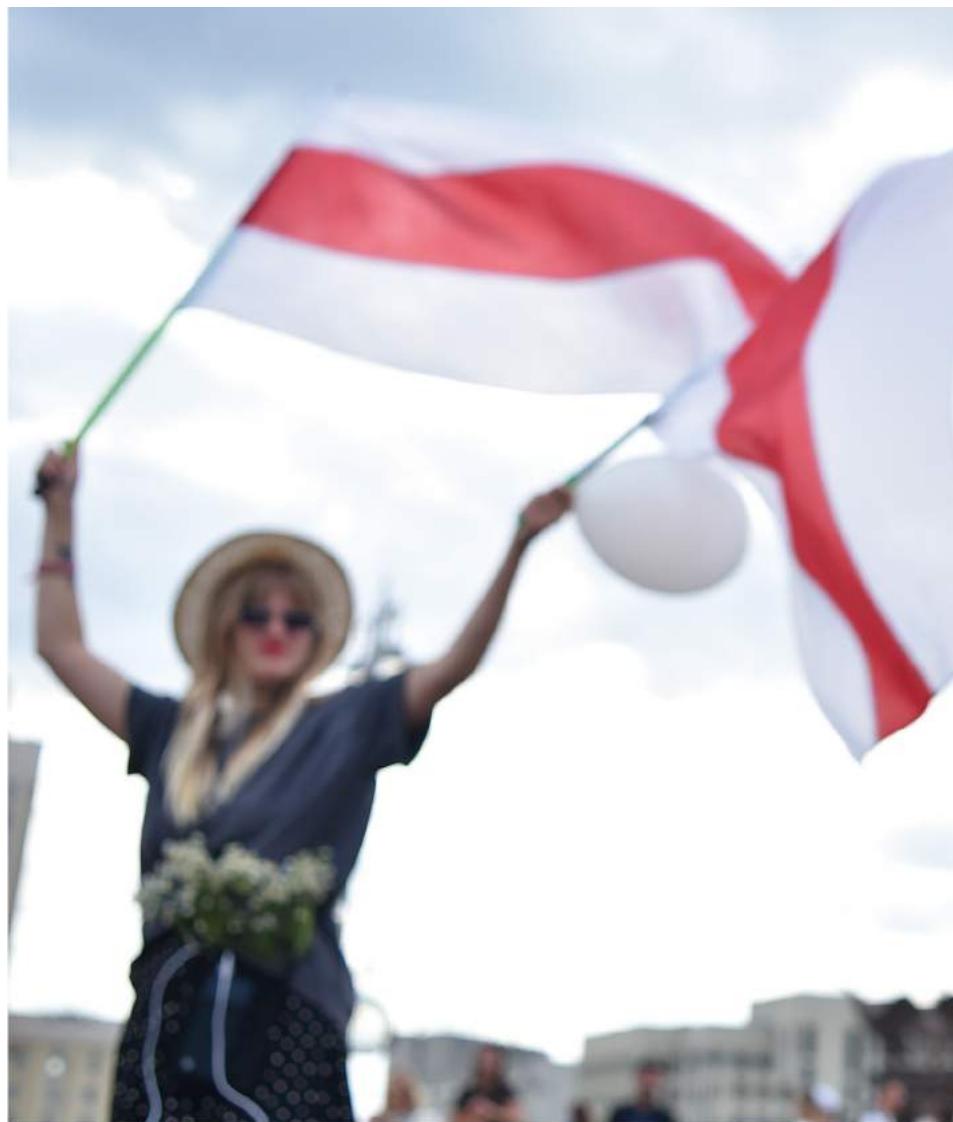
É

É costume dizer-se que os melhores líderes são aqueles que não gostam do poder e ainda menos de o exercer. A Svetlana Tikhanovskaya nunca lhe passou pela cabeça alguma vez ser falada nos cinco cantos do mundo, nem lidar com pessoas ilustres e influentes – como lhe aconteceu na passada segunda-feira, 24, quando teve de encontrar-se com o número dois da diplomacia dos EUA, Stephen Biegun, que viajou expressamente de Washington D.C. para se encontrar com ela em Vilnius, a capital da Lituânia.

A antiga professora e tradutora de inglês, de 37 anos, sempre foi tímida e discreta, ao contrário do marido, Sergei Tikhanovsky, empresário, produtor musical, blogger, vlogger e ativista pró-democracia. Ele há meses que era uma das personagens mais mediáticas da Bielorrússia, com 200 mil seguidores no YouTube, devido às suas demolidoras rábulas online contra o Presidente Aleksander Lukashenko; ela há quase uma década que abdicou de ter uma carreira profissional para dedicar-se, em exclusivo, à família e aos dois filhos de ambos – a benjamim, Agnya, de 4 anos e meio, e sobretudo Korney, de 7, que nasceu com problemas auditivos graves e precisa de atenção e cuidados permanentes.

#### **A PAZ E A TIMIDEZ DE SVYETA**

As circunstâncias políticas do país governado pelo mesmo homem há 26 anos baralharam os planos do casal. Sergei decidiu, em maio, candidatar-se à presidência da República e, no final desse mês, acabou atrás das grades, acusado de perturbar a ordem pública



e com julgamento agendado para as calendas gregas. Um expediente habitual do regime para neutralizar os opositores incómodos. Svetlana decidiu então avançar com a própria campanha para as eleições de 9 de agosto, “por amor” e a pedido da sua cara-metade. A partir daqui, a história é do conhecimento de todos. A antiga adolescente conhecida por Svyeta, que costumava passar os verões na pequena cidade irlandesa de Roscrea, por ser uma sobrevivente do acidente nuclear de Chernobyl, tornou-se um caso sério de popularidade e hoje apresenta-se como a principal opositora de Lukashenko. Tal como prometeu em todos os comícios e conferências de Imprensa em que participou, nos últimos dois meses e meio, Svetlana insiste em dizer que não é e nunca será política, só quer ter uma vida normal, “fritar costeletas”, estar com as suas crianças e com o seu Sergei.

Ora a realidade já provou que isso não vai acontecer tão depressa. O fraudulento escrutínio em que lhe foram

atribuídos 10% dos votos e a repressão que se seguiu – mais de sete mil detenções, centenas de feridos e, pelo menos, dois mortos – redundaram numa vaga de protestos sem precedentes no país, com ela a destacar-se como “símbolo de esperança”, como lhe chamou a escritora bielorrussa, agraciada com o Nobel da Literatura em 2015, Svetlana Alexievich. E nem a sua fuga para a vizinha Lituânia, logo após o fecho das urnas e na sequência de inúmeras ameaças, a impedem de liderar a “revolução da dignidade”, como muitos analistas designam a atual revolta pacífica em curso. Para já e por tempo indeterminado, Svyeta é a única figura consensual para fazer frente ao antigo capataz de uma quinta soviética que se tornou o “último ditador da Europa” – um apodo que o visado assumiu sem falsos pudores, em 2012, comentando que “mais vale ser ditador do que gay”, referindo-se ao então ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, Guido Westerwelle.

**NO INÍCIO DESTA SEMANA,  
O REGIME INICIOU UMA CAMPANHA  
PARA DECAPITAR A OPOSIÇÃO**



**SVETLANA  
TIKHANOVSKAYA**  
EX-PROFESSORA

A líder "acidental" da revolta contra Lukashenko teve de exilar-se na Lituânia, devido às ameaças, mas continua a ser o rosto da oposição.



## ENCLAVE ESTRATÉGICO

Há mais de dois séculos que a Bielorrússia vive sob a tutela de Moscovo. Em 1991, reconquistou a independência, mas a Rússia de Vladimir Putin não quer que o país se aproxime da União Europeia



Atual bandeira, adotada em 1995 após referendo, quase igual à do período soviético (sem a foice e o martelo)



Bandeira da primeira república, em 1918, antes de integrar a URSS, e agora usada pela oposição

	Bielorrússia	Portugal
ÁREA (mil km²)	207	92
POPULAÇÃO (milhões)	9,4	10,2
PIB (milhares milhões)	50	198
PIB PER CAPITA (€)	5 874	19 265

Como tem vindo a ser reivindicado nas manifestações que já duram há quase três semanas, os objetivos de Svetlana Tikhonovskaya e da maioria da população são muito claros: libertação dos presos políticos, organização de nova ida às urnas, com a presença de observadores internacionais, e, claro, o afastamento de Aleksander Lukashenko e respetivos esbirros, em particular os responsáveis pela onda de violência e de tortura. Um programa despojado de grandes metas governativas ou de ambições geopolíticas. Por exemplo, ao invés das revoluções coloridas na Ucrânia e na Geórgia, ninguém lança palavras anti-Rússia ou solicita a adesão à NATO e à União Europeia. O importante é alcançar as três metas acima definidas e fazer jus ao que diz a letra do hino nacional: "Nós, os bielorrussos, somos um povo de paz."

Num aparente desnorte inicial, o mais duradouro governante do espaço pós-soviético ainda admitiu fazer cédências e propôs que se realizasse um referendo à Constituição, mas a forma como foi recebido, a 17 de agosto, pelos operários de uma das maiores fábricas do país, nos arredores de Minsk, denunciaram as suas intenções: "Já tivemos eleições. Não haverá outras



**Barbárie** As forças de segurança fizeram mais de sete mil detenções, desde 9 de agosto, e, entre as centenas de pessoas já libertadas, são bem visíveis os sinais de tortura

enquanto não me matarem. Jamais irei ceder à pressão das ruas.” Como resposta, ouviu da boca dos funcionários da MTZ o que era impensável há ainda poucas semanas: “Mentiroso!”, “Vai-te embora”, “Demite-te!”. Enfurecido, tomou finalmente consciência de que algo muito grave se estava a passar à sua volta. Meteu-se no seu helicóptero e regressou a um dos 17 palácios presidenciais para preparar

a melhor resposta aos “ingratos” dos seus compatriotas – desde então, já lhes chamou “nazis”, “ratazanas” e “carneiros nojentos”. Nesse mesmo dia, teve duas outras péssimas notícias. A União Europeia, pela voz do presidente do Conselho Europeu, o belga Charles Michel, anunciou que não iria reconhecer os resultados das eleições em que ele obteve oficialmente 80% dos sufrágios e, cúmulo das desfeitas, a Letónia fez

saber que não aceitava coorganizar com a Bielorrússia o campeonato do mundo de hóquei no gelo – o seu desporto favorito –, agendado para maio de 2021, em Minsk e em Riga.

#### O CARISMA DO OPERARIADO

Na sequência do episódio ocorrido na MTZ, ficou a conhecer-se um novo protagonista accidental da revolta contra o governo: Sergei Dylevsky, 30 anos, metalúrgico e um dos principais instigadores das greves que alastraram a quase todo o território. Indignado com a violência e a tortura de que foram vítimas muitos dos seus amigos e conhecidos, entendeu que não podia ficar de braços cruzados. O seu Nissan Patrol funcionou como ambulância improvisada para levar feridos para os hospitais, incluindo alguns com fraturas múltiplas e lesões oculares irreversíveis. Na fábrica onde os seus pais também se conheceram e trabalharam, terá sido ele a mobilizar boa parte dos quase 20 mil operários que fizeram as paralisações

## O PODER DA SOLIDARIEDADE FEMININA

Na campanha para as eleições de 9 de agosto, Svetlana Tikhonovskaya mobilizou interesses e vontades. Após as fraudes e a repressão do regime, lidera agora um Conselho de Coordenação das forças opositoras ao Presidente Lukashenko, com centena e meia de personalidades, na sua maioria mulheres

#### LILIA VLASOVA ADVOGADA

Não é uma vedeta nacional – como a antiga tenista Victoria Azarenka e a campeã olímpica Darya Domracheva –, mas esta jurista de Minsk tornou-se uma das figuras-chave da oposição ao regime. Prova disso é que, na última segunda-feira, 24, recebeu ordem de prisão por estar supostamente envolvida em atividades subversivas.

#### VERONIKA TSEPKALO GESTORA

Durante quase uma década, foi quadro superior da Microsoft, mas suspendeu as suas funções para colaborar na frustrada campanha presidencial do marido, Valery Tsepka, antigo embaixador, *ex-apparatchik* de Lukashenko e fundador do Parque Tecnológico de Minsk. O casal está agora exilado em Moscovo.

#### MARIA KOLESNIKOVA ARTISTA

Flautista e professora de música, formada em Minsk e em Estugarda, na Alemanha, aceitou em junho ser chefe da campanha presidencial de Viktor Babariko, um mecenas das artes e ex-administrador do banco russo Belgazprombank. Com este detido, aliou-se a Svetlana Tikhonovskaya e converteu-se numa figura quase omnipotente nos protestos em todo o país.

#### SVETLANA ALEXIEVICH ESCRITORA

Aos 72 anos, a bielorrussa, galardoada com o prémio Nobel da Literatura em 2015, foi convidada a integrar o Conselho de Coordenação e já está a pagar um preço elevado por ter aceitado. A polícia voltou a invadir a sua casa e a autora pode, em breve, vir a ser acusada de participar na rebelião contra Lukashenko.





## AS GREVES NAS FÁBRICAS DO ESTADO PODEM FAZER COLAPSAR A ECONOMIA E O PRÓPRIO REGIME

temporárias e participaram na vaga de desobediência civil contra o regime.

Uma iniciativa com uma importância crucial. A MTZ produz mais de 32 mil tratores anualmente, sendo que 90% são exportados, representando uma fonte inestimável de receitas para os cofres públicos. As regalias sociais aí em vigor – a começar pela clínica própria que emprega meio milhar de médicos, enfermeiros e auxiliares de saúde – sempre foram apresentadas como uma receita de sucesso para o socialismo à moda de Lukashenko, além de funcionarem há um quarto de século como um bastião eleitoral. Por isso, quando os protestos e as greves da MTZ se estenderam à maior refinaria nacional, a Belneftkhim, e às grandes empresas e unidades fabris sob controle do Estado, percebeu-se que estava em causa a economia e o seu eventual colapso. Afinal, estas representam 70% do PIB nacional e ocupam mais de um quarto da população ativa. Todas estas estatísticas e o carisma de Dylevsky fizeram com que ele fosse convidado a integrar o novo Conselho de Coordenação, formado por Svetlana Tikhano-

vskaya, para se negociar com o regime e assegurar uma possível transição de poder. A aposta revelou-se acertada. O jovem metalúrgico impulsionou a luta proletária, tornou-se uma estrela e até mereceu um artigo especial no *New York Times*, a 21 de agosto. E, a exemplo da líder exilada na Lituânia, também ele confessa não estar minimamente interessado no poder e numa carreira política: “Seria a última coisa que faria na vida. É uma atividade desprezível. Num dia, oferecem-nos sorrisos, no seguinte dão-nos facadas nas costas.” Seja como for, já não se livra da fama e da responsabilidade: “Ele não tem medo. É um fulano normal, não um oportunista, e sabe perfeitamente o que tem de ser feito”, garante um amigo e camarada de trabalho, o electricista Vadim Paivin, em declarações ao diário nova-iorquino.

Ensina a História que há não revoltas nem revoluções bem-sucedidas sem a colaboração de quem detém a força. E, apesar de algumas deserções policiais, as principais unidades militares e de segurança continuam ao lado do Presidente. A explicação é simples. Ganham tanto ou mais do que os médicos e os

engenheiros e ainda contam com prémios e mordomias adicionais, como habitação fornecida pelo Estado. Ou seja: praticamente não sentem a estagnação económica do país – na última década, o PIB cresceu, em média, 1,7%, ao passo que, na anterior, registou um aumento de 7,5%, de acordo com o Banco Mundial. O suposto milagre económico de Lukashenko é um mito e já só beneficia a clique mais próxima do Presidente, que sempre soube aproveitar-se dos negócios do petróleo e do gás – subvencionados pela Rússia – e dos complicados equilíbrios entre o Ocidente e Moscovo. Falta saber quanto tempo mais conseguirá ele resistir após os bielorrussos lhe terem perdido o medo. Analistas como o polaco Slawomir Sierakowski não lhe auguram grande futuro e admitem que possa acabar como Nicolae Ceausescu, o ditador romeno fuzilado no natal de 1989, a mando dos seus outrora fiéis colaboradores. Talvez por querer evitar esse destino, Lukashenko resiste enquanto pode e muda de tática consoante as circunstâncias. No início desta semana, em vez de recorrer à Omon, a brigada antimotim, mandou as secretas prenderem os principais dirigentes da oposição, incluindo Sergei Dylevsky, numa clara tentativa de decapitar a dissidência. Tudo indica que a revolução de Svetlana e do proletariado está longe de ficar concluída. ■■ [ffialho@visao.pt](mailto:ffialho@visao.pt)